

A Virgem e o Cigano

D. H. LAWRENCE



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Capítulo 1

Quando a mulher do pastor fugiu com um homem ainda jovem e sem um tostão no bolso, o escândalo não conheceu limites. As suas duas pequenas filhas tinham apenas sete e nove anos, respectivamente. E o pastor era um marido tão bom! Sim, era verdade que tinha o cabelo grisalho, mas o bigode era escuro, ele era bonito e elegante e dominava-o ainda completamente uma paixão secreta pela sua impulsiva e bela mulher.

Por que é que ela se foi embora? Por que é que ela fugiu dali com um tão grande escândalo de revolta, repentinamente, como se acometida de loucura? Ninguém dava uma resposta. Apenas as beatas diziam que ela era uma má mulher, enquanto algumas das mulheres de bom coração se mantinham silenciosas. É que elas sabiam.

As duas filhas pequenas nunca o souberam. Magoadas nos seus sentimentos, concluíram que era porque a mãe as considerava dignas de desprezo.

Os maus ventos, que nunca trazem nada de bom para ninguém, arrastaram consigo a família do pastor. Então, quando assim acontece, cuidado! O pastor, até certo ponto um distinto ensaísta e polemista, e cujo caso suscitara algum movimento de simpatia entre os homens de letras, recebeu o benefício eclesiástico de Papplewick. O Senhor temperou os ventos da infelicidade com uma paróquia no Norte.

A casa paroquial era um edifício de pedra, bastante feio, junto do rio Papple, antes de se entrar na vila. Mais para diante,

para lá do sítio onde a estrada atravessa o rio, encontravam-se as grandes e antigas fiações de algodão, outrora movidas a água. A estrada subia, às curvas, até às desoladas ruas de pedra da vila.

Depois da sua transferência para a paróquia, a família do pastor sofreu profundas modificações. O pastor, agora pároco, mandou buscar a sua velha mãe e a irmã dele, bem como um irmão que vivia na cidade. Assim, as duas meninas tinham um ambiente muito diferente do que existira no antigo lar.

O pároco tinha agora quarenta e sete anos; demonstrara um intenso e não muito dignificante desgosto, depois da fuga da sua mulher. Senhoras compreensivas' tinham-no mantido afastado do suicídio. O cabelo tornara-se quase branco e a expressão do olhar era trágica e selvagem. Bastava olharmos para ele para vermos que terrível fora tudo o que lhe sucedera e como se transformara numa vítima.

No entanto, algo soava a falso e algumas senhoras, que mais compaixão tinham mostrado pelo pastor, detestavam, em segredo, o pároco. Bem vistas as coisas, havia à sua volta uma certa aura de farisaísmo.

As rapariguinhas, claro, daquela maneira vaga que é habitual nas crianças, aceitavam o veredicto familiar. A avó, que tinha já mais de setenta anos e cuja vista começava a falhar, tornou-se a figura central da casa. A tia Cissie, que já passara dos quarenta, pálida e piedosa, consumida por um mal interno, tratava da lida da casa. O tio Fred, um homem de quarenta anos, mesquinho e de rosto acinzentado, ia para a cidade todos os dias. Tinha um aspecto esquelético e vivia apenas para si próprio. E o pároco, claro, era a pessoa mais importante, depois da avó.

Chamavam-lhe a Mater. Era uma daquelas pessoas fisicamente vulgares, velhas e espertas, que toda a sua vida

tinham aberto o seu próprio caminho, bajulando as fraquezas dos homens. A Mater orientou-se muito rapidamente. O pároco ainda “amava” a sua esposa delinquente e continuaria a “amá-la” até morrer. Portanto, calemo-nos! Os sentimentos do pároco eram sagrados. No seu coração encontrava-se, como que encerrada num relicário, a pura jovem com quem ele casara e que adorara.

Ao mesmo tempo e lá fora, no mundo diabólico, vagueava uma mulher mal afamada que traira o pároco e abandonara as suas criancinhas, e que estava agora submetida a um jovem desprezível que sem dúvida a conduziria até à degradação que ela merecia. Que isto fique bem claro e, depois,... calemo-nos! Pois na majestade autêntica do coração do pároco ainda florescia a branca e pura flor da sua jovem noiva. Esta branca flor nunca murchava. Aquela outra criatura, a que fugira com aquele jovem desprezível, não tinha nada a ver com ele.

A Mater, que se sentira um pouco desprezada e insignificante no seu papel de viúva, numa pequena casa, içava-se agora à dignidade do cadeirão principal na casa paroquial e instalava de novo e com firmeza o seu velho corpanzil. Não permitiria que a destronassem. Astutamente, soltou um suspiro em homenagem à fidelidade do pároco à branca flor, enquanto fingia desaprovar. Numa dissimulada reverência pelo grande amor do seu filho, não murmurou nem uma palavra contra aquela vadia que florescia no diabólico mundo e que outrora fora chamada senhora Arthur Saywell. Agora, graças a Deus, e uma vez que ela se tinha casado de novo, já não se chamava senhora Arthur Saywell. Mulher alguma usava o nome do pároco. A branca e pura flor florescia in perpetuum, sem qualquer nomenclatura. A família até pensava nela como sendo A-que-fora-Cynthia.

Tudo isto era água para o moinho da Mater. Dava-lhe a

garantia de que Arthur não voltaria a casar-se. Mantinha-o seguro pelo seu ponto mais fraco, pelo seu acobardado amor-próprio. Casara com uma imperecível, uma branca e pura flor. Que homem de sorte! Tinham-no magoado! Oh, homem infeliz! Sofrera! Ah, que coração cheio de amor! E ele tinha perdoado! Sim, a branca e pura flor fora perdoada. Até contara com ela no seu testamento, enquanto aquele outro patife... mas silêncio! Não se deve sequer pensar demasiado naquela horrível vadia, à solta no vil mundo exterior! A-que-fora-Cynthia. Deixemos que a branca flor floresça inacessível nos píncaros do passado. O presente é outra história.

As crianças foram educadas nesta atmosfera de astuta auto-santificação e de coisas não mencionáveis. Também elas viam a branca flor lá no alto, em alturas inacessíveis. Também elas a sabiam entronizada, num solitário esplendor, muito acima das suas vidas, nunca destinada a ser tocada.

Ao mesmo tempo, do vil mundo exterior, surgia por vezes um grosseiro e diabólico odor de egoísmo e degradada luxúria, o odor daquela horrível vadia, A-que-fora-Cynthia. Essa vadia conseguia, de vez em quando, fazer chegar um bilhetinho às mãos das suas raparigas, das suas filhas. Quando isso acontecia a Mater, com os seus cabelos prateados, tremia interiormente de ódio. Se A-que-fora-Cynthia alguma vez regressasse, não restaria grande coisa da Mamã. Era então que uma secreta rajada de ódio saltava da velha avó para as crianças, filhas daquela lasciva vadia, daquela Cynthia, que demonstrara um desprezo tão afectuoso pela Mater.

Misturado com tudo isto havia o facto de as crianças se recordarem perfeitamente da sua verdadeira casa, o vicariato no Sul, e da sua fascinante, mas pouco dependente, mãe, Cynthia. Ela brilhara muito, fora uma torrente de vida, um vivo e perigoso

sol no lar, sempre a ir e a vir. Para elas, a presença da mãe estivera sempre associada ao brilho, mas também ao perigo; ao fascínio, mas com um assustador egoísmo.

Agora o fascínio desaparecera e a branca flor, como uma grinalda de porcelana, gelava no seu túmulo. O perigo da instabilidade, essa espécie de egoísmo peculiarmente perigosa, como a dos leões e dos tigres, também desaparecera. Havia agora uma estabilidade completa, onde era possível sucumbir em segurança.

Mas as raparigas estavam a crescer e à medida que cresciam tornavam-se mais definitivamente confusas, mais activamente intrigadas. A Mater, à medida que envelhecia, via cada vez menos. Tinha de haver alguém para a guiar. Nunca se levantava antes do meio-dia. No entanto, cega ou presa à cama, dirigia a casa. Além disso, não estava presa à cama. Sempre que estavam presentes homens, a Mater encontrava-se no seu trono. Era demasiado astuta para cortejar a negligência, muito em especial porque tinha rivais.

A sua grande rival era a rapariga mais nova, Yvette. Yvette tinha alguma da vaga e descuidada jovialidade de A-que-fora-Cynthia. Mas esta era um pouco mais dócil. A avó talvez a tivesse agarrado a tempo. Talvez!

O pároco adorava Yvette e mimava-a com apaixonada ternura, o que era o mesmo que dizer: então não sou um homem indulgente e de terno coração? Ele gostava de ter fraquezas. Ela conhecia-as, esta opinião que ele tinha de si mesmo, e a Mater também conhecia as opiniões dele e utilizava-as, transformando-as em enfeites para uso dele próprio, para lhe embonecarem o carácter. Ele desejava, a seus próprios olhos, possuir um carácter fascinante, tal como as mulheres desejam

vestidos fascinantes. Assim, astuciosamente, a Mater colocava sinais de beleza por cima dos seus defeitos e deficiências. O seu amor maternal dera-lhe a chave para as fraquezas dele, fraquezas que ela escondia dele próprio, enfeitando-as. Enquanto aquela, A-que-fora-Cynthia...! Mas a este respeito, não a mencionemos. Aos seus olhos, o pároco era quase um corcunda e um idiota.

Mas o mais engraçado era o facto de a avó, secretamente, odiar mais Lucille, a rapariga mais velha, do que a mimada Yvette. Lucille, a inquieta e irritável, estava mais consciente de se encontrar sob o domínio do poder da avó do que a distraída Yvette, estragada com mimos.

Por outro lado, a tia Cissie odiava Yvette. Odiava até o seu nome. A vida da tia Cissie fora sacrificada à Mater, a tia Cissie sabia-o e a Mater sabia que ela o sabia. Este facto, enquanto os anos passavam, foi-se tornando numa convenção. A convenção do sacrifício da tia Cissie era aceite por toda a gente, incluindo a própria Cissie. E ela rezava muito por causa disso. O que também queria dizer que, algures, tinha os seus próprios sentimentos pessoais, coitada dela. Deixara de ser Cissie, perdera a sua vida e o seu sexo. E agora que se arrastava em direcção aos cinquenta, surgiam nela estranhos e verdes clarões de ódio e, nessas ocasiões, ficava como louca.

Mas a avó mantinha-a sob o seu domínio e o único objectivo na vida da tia Cissie era o de tomar conta da Mater.

Os clarões verdes de ódio infernal da tia Cissie dirigiam-se, por vezes, contra tudo o que era jovem. Coitada dela, rezava e procurava conseguir o perdão dos céus. Mas aquilo que lhe fora feito ela não conseguia perdoar e o vitríolo corria-lhe nas veias, de vez em quando.

Não seria o mesmo se a Mater fosse uma alma bondosa e

amável. Não era esse o caso. Só por astúcia é que revelava aquelas qualidades. Lentamente, as raparigas aperceberam-se desse facto. Por debaixo da touca de renda, fora de moda, por debaixo do seu cabelo prateado, por debaixo da seda preta do seu corpo velho e dobrado para a frente, esta mulher tinha um coração manhoso, sempre buscando o seu próprio poder feminino. Por intermédio das fraquezas dos homens envelhecidos e cansados que ela criara, mantinha o seu poder, enquanto os anos passavam, dos setenta para os oitenta e dos oitenta para o salto seguinte, a caminho dos noventa.

Isto porque na família havia toda uma tradição de “lealdade”; lealdade de uns para com os outros e especialmente para com a Mater. A Mater, claro, era o centro da família. A família era uma extensão do seu próprio ego. Muito naturalmente, cobria-a com o seu poder. Os filhos e as filhas, fracos e desunidos, eram, naturalmente, leais. E fora da família o que é que existia para todos eles, além do perigo, dos insultos e da ignomínia? Como se o pároco não tivesse já experimentado tudo isso, no seu casamento! Portanto, agora cuidado! Cautela e lealdade enfrentando o mundo! Que surjam todos os ódios e todos os atritos que quiserem no seio da família. Para o mundo exterior, apenas um teimoso muro de união!

Capítulo 2

Porém, foi apenas quando as raparigas regressaram finalmente a casa, vindas da escola, que sentiram todo o peso da querida e velha mão da avó sobre as suas vidas. Lucille tinha agora quase vinte e um anos e Yvette dezanove. Haviam frequentado uma boa escola para raparigas, depois tinham passado um ano num colégio em Lausana e eram exactamente aquilo que é normal: criaturas jovens e altas, com rostos frescos e sensíveis, cabelos cortados curtos, maneiras varonis e despreocupadas.

- O que é tão aborrecido em Papplewick - disse Yvette, quando ambas se encontravam a bordo do barco que atravessa o canal da Mancha, vendo as cinzentas falésias de Dover a aproximarem-se - é o facto de não haver lá homens. Por que é que o pai não tem bons companheiros como amigos? Quanto ao tio Fred, ele é o cúmulo!

- Oh, nunca se sabe o que é que poderá acontecer - disse Lucille, mais filosófica.

- Sabes perfeitamente com o que podes contar - retorquiu Yvette. - Coro aos domingos, e eu odeio coros mistos! As vozes dos rapazes são amorosas, quando não há mulheres. A Escola Dominical, a Sociedade Feminina de Socorro Mútuo, as reuniões sociais e todas aquelas velhas e queridas almas a perguntarem pela saúde da avó! Não há um rapaz decente muitos quilómetros à volta.

- Oh, não sei! - disse Lucille. - Temos sempre de contar com os Framleys. E sabes bem que Gerry Somercotes te adora.

- Oh, mas eu odeio tipos que me adoram! - gritou Yvette, erguendo o seu delicado nariz. - Eles aborrecem-me. Não nos largam!

- Então, o que é que queres, se não suportas que te adorem? Acho que está perfeitamente certo que sejamos adoradas. Sabes que nunca virás a casar com eles, portanto, por que é que não havemos de deixar que continuem a adorar-nos, se isso os diverte?

- Oh, mas eu quero casar-me! - exclamou Yvette.

- Então, nesse caso, deixa que eles continuem a adorar-te até que encontres um com quem te seja possível casares-te.

- Dessa maneira, nunca! Nada me irrita mais do que um tipo adorador. Aborrecem-me tanto! Fazem com que me sinta abominável.

- Oh, também a mim, quando se tornam insistentes. Mas, à distância, penso que são muito agradáveis.

- Gostaria de me apaixonar violentamente.

- É natural! Pois eu, nunca! Odiaria tal coisa. E, provavelmente, o mesmo sucederia contigo, se na verdade isso te viesse a acontecer. No fim de contas, temos de assentar um pouco, antes de sabermos o que é que queremos.

- Mas não te horroriza ter de voltar a Papplewick? - perguntou Yvette, erguendo o seu delicado e jovem nariz.

- Não, nem por isso. E penso que nos vamos sentir muito aborrecidas. Gostaria que o pai arranjasse um carro. Creio que teremos de pôr cá fora as velhas bicicletas. Não gostavas de ir até ao pântano de Tansy?

- Oh, adoraria! Mas é um esforço terrível empurrar aquelas bicicletas velhas pelas colinas acima.

O navio aproximava-se das falésias cinzentas. Era Verão,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

